

Editorial

O RATO
QUE RUGE

Pouco dias depois de ter expirado uma trégua que durou seis meses, Israel voltou a atacar a Faixa de Gaza, matando quase 300 pessoas, inclusive civis. O pretexto do ataque foi o Hamas, não obstante a trégua, ter continuado a fustigar o sul de Israel com foguetes, matando eventualmente cidadãos israelenses.

O mundo condenou Israel pela reação desproporcional, que pode se ampliar se se efetivar uma nova ocupação de Gaza. Segundo o governo israelense, o objetivo é estabelecer uma nova realidade na região. Desde novembro, Gaza sofre bloqueio de Israel, precisando se abastecer de praticamente tudo pelo Egito.

O agravamento do conflito era esperado desde quando o Hamas venceu as eleições e tomou o poder em Gaza, afastando a Autoridade Nacional Palestina, que havia acordado com Israel o controle dos territórios palestinos. O grupo radical islâmico não admite qualquer possibilidade de entendimento com Israel, ao contrário da ANP.

Agora, diante da tragédia humanitária, o Hamas e seus aliados ameaçam com uma nova Intifada. É o rato que ruge e que não poupa sacrifícios à população de Gaza para sustentar seus objetivos políticos.

Um cartaz protestando contra os ataques israelenses dizia, estes dias, que não existe um caminho para paz, mas que esta é o caminho. Sem dúvida, num quadro em que a sensatez poucas vezes se manifestou, a busca da paz torna-se uma questão quase impossível.

O mais das vezes o que predominou na questão palestina foi a insensatez das partes envolvidas. Israel não vai desistir do seu território e o menos que fará é manter uma paz armada com seus vizinhos. Estes não têm a mínima possibilidade de resolverem o conflito pela força, pelo menos enquanto prevalecer a conjuntura de forças existentes hoje no mundo.

Os países árabes estão divididos. Enquanto Israel bombardeava Gaza, o Egito impedia que palestinos cruzassem suas fronteiras.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR	Vittorio Medioli
PRESIDENTE	Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE	Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO	Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO	Marcos de Oliveira e Souza
GERENTE COMERCIAL	EDITORA GERAL
Rodrigo Simões	Lúcia Castro
GERENTE DE CIRCULAÇÃO E ASSINATURAS	SECRETÁRIAS DE REDAÇÃO
Ricardo Botelho	Michele Borges da Costa
	Regiane Marques Sampaio
GERENTE INDUSTRIAL	CHEFE DE REPORTAGEM
Guilherme Reis	Ricardo Corrêa
GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO	EDITORES
Walmir Prado	Primeira Página: Denner Taylor;
	Opinião: Victor de Almeida;
	Economia: Karlon Aredes;
	Política: Carla Kreefft;
GERENTE DE MARKETING	Magazine: Silvana Mascagna;
Alessandra Soares	Fotografia: Leonardo Lara
	Brasil/Mundo: Carla Chein
CONSULTOR DE TECNOLOGIA	Esportes: Rogério Tadeu
Marco Guinter	

O.PINIÃO



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

O valor simbólico dos rituais
de Ano Novo é renovar a vida

É pancultural a crença em alimentos que dão boa sorte

Celebrar o Ano Novo é prática pancultural antiga. Na Babilônia, no ano 2000 a. C., comemorava-se o novo ano com sacrifícios de alimentos aos deuses da fertilidade Marduk e Dumuzi. Os ritos de passagem – lendas, credences, simpatias, superstições e queima de fogos, que afasta espíritos indesejáveis –, do transcurso do ano velho para o Ano Novo, possuem marcas culturais diferenciadas. Cada povo celebra conforme crenças singulares perdidas no tempo.

No Japão, o Ano Novo (oshogatsu) é tempo sagrado. É costume pendurar uma corda de arroz na porta da casa para afugentar maus espíritos. Na China, o réveillon dura seis semanas, entre janeiro e fevereiro. Usar roupa preta e trocar tangerinas na última noite do ano chama boa sorte. As luzes das casas ficam acesas simbolizando calor humano, amizade e reconciliação.

Na Malásia, é proibido varrer a casa na véspera do novo ano, pois tirar algo de dentro dela atrai má sorte. No Norte europeu, a porta da casa é aberta para dar boas-vindas aos desejos e à entrada da boa sorte. Na Áustria, pede-se boa sorte com figuras amuletos de chumbo. Nos Estados Unidos, a tradição na virada do ano é vestir preto e comer “black-eyed peas” (parecido com feijão), que dão boa sorte.

Na Índia, com mais de 12 calendários religiosos, os rituais seguem o que dita cada religião, mas é comum queimar na fogueira coisas que representam impurezas e doenças. No norte do país, o ano começa com a festa de Dîwâli, em setembro. Na Hungria, come-se carne de porco, animal que fuça para frente, na esperança de que a vida

vá em frente. No Brasil, sabe-se que no Ano Novo dá azar comer caranguejo, que anda para trás; e galinha, que cisca para trás.

O valor simbólico das cerimônias mítico-rituais é a renovação, assinalando a morte do ano velho e o nascimento do Ano Novo – um novo tempo e a possibilidade de boa sorte e prosperidade, com o contraponto da continuidade: preservação das coisas boas e deferência pelas pessoas especiais para nós. A idéia da renovação é poderosa e relembra a busca da perfeição e do direito à

Há anos, a dona da festa de Ano Novo é Iemanjá, orixá poderosa e vaidosa, mãe de todos os orixás, que desbanca outros santos e divindades

felicidade, a aspiração-mor do ser humano.

No Brasil, uma saudação ao Ano Novo, quase em desuso, é o grito de Carnaval, primeira manifestação carnavalesca, nos bailes do último dia do ano, com músicas carnavalescas da meia-noite até o sol raiar, uma explosão de alegria por ter “rompido o Ano Novo”. Há anos, no Brasil, a dona da festa de Ano Novo é Iemanjá, orixá poderosa e vaidosa, mãe de todos os orixás, que desbanca todos os santos e divindades no quesito atrair multidões, pois arrasta um mundaréu de gente paramentada de branco, calcinhas e cuecas novinhas

em folha, para lugares onde haja água (cachoeira, rio ou mar), portando oferendas para a rainha do mar.

É pancultural a crença em alimentos que dão boa sorte. Pelo sim, pelo não, romã: prosperidade e amor; morango: amor; pêra: saúde; maçã: afetos; arroz: vida longa; lentilha: fartura; damasco: energia sexual; uvas: coma 12 e tenha prosperidade; e noz-moscada: seis no bolso chama dinheiro! Pague as alvíssaras para a primeira criança que ver em 2009! Lá na Palestina, a mesmíssima Graça Aranha (MA), numa cultura em que as crianças não são um estorvo, mas vistas e valorizadas como portadoras da boa sorte, elas ganham alvíssaras no Dia de Ano. Bonito, não é? Vovó, com um vestido de dois bolsos na frente repletos de mimos, deixava a gente de tocaia. Só aparecia quando alguma criança despontava na rua, berrando: “pague minhas alvíssaras!”

DUKE

